

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Diário da Manhã (6.0)

Class.: 450

Data 2 de Julho de 1981

Pg.:

CIMI denuncia projetos econômicos

"Os Projetos econômicos que vêm sendo implantados em áreas indígenas, pela ideologia capitalista em que estão fundamentados, ferem mortalmente a estrutura econômica e cultural dos grupos tribais. Tais projetos são ainda mais perniciosos por reduzirem a terra das nações indígenas, elemento fundamental para o futuro desses povos, pela compra corruptora de lideranças tribais, em detrimento da comunidade, e até pelo fracasso inevitável, inclusive no plano econômico, a que esses projetos estão destinados".

Essas são algumas das conclusões da 7ª Assembléia Regional do Cimi- Conselho Indigenista Missionário — de Mato Grosso, realizada em Fátima de São Lourenço, entre os dias 24 e 28 últimos, e cujo tema de estudo foi "A Economia Indígena Frente à Economia Nacional". O documento final do encontro torna a condenar "o traçado genocida da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho)", executada com financiamento do Banco Mundial e que ameaça a sobrevivência do povo Nambikwara. E denuncia também a invasão e loteamento da terra dos Bororo, em Córrego Grande, demarcada pelo marechal Rondon, por fazendeiros da região, assim como a expropriação do território pertencente aos Bororo de Jarudori, que hoje vivem marginalizados na periferia dessa cidade.

SARAMPO MATA

O documento do Cimi volta a alertar a opinião pública sobre "a

situação sempre indefinida da Ilha do Bananal, território legítimo dos Karajá e Javaé, agora sob a ameaça do Projeto Rio Formoso", com a presença de milhares de sertanejos e fazendeiros dentro da ilha, todos eles arrendatários da Funai.

O Regional Norte I do Cimi denuncia a tragédia do povo Makuxi, em Roraima, onde um surto de sarampo iniciado em fevereiro já matou dez pessoas, entre crianças e adultos, na região do Sumuru. Esta situação agravou-se consideravelmente desde a semana passada, o que levou o tuxaua Terêncio Luiz Silva, da maloca de Cumaná, a procurar a delegacia da Funai no dia 26 último, solicitando assistência médica urgente para as malocas vitimadas. Apesar da gravidade da situação, a Funai respondeu ao tuxaua que seu pedido não poderia ser atendido logo, alegando falta de transporte.

Este episódio, para o Cimi, comprova que a assistência médica da Funai em todo o território de Roraima é inconstante e superficial, não atingindo todas as malocas. "Em todo o Brasil se constata a falta de assistência médica da Funai para os povos indígenas, o que se traduz pelos surtos de doenças, numa verdadeira guerra bacteriológica que reduz drasticamente a população indígena, tal como acontece com os Waimiri-Atroari, os índios do Xingu, os Yanomani e os Makuxi" — conclui o documento do Regional Norte I do Cimi.